



## A FICÇÃO AFRICANA NO ENSINO DE LITERATURA: O LETRAMENTO RACIAL COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR LITERÁRIO

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro <sup>1</sup>  
José Paulo Alexandre de Barros Júnior <sup>2</sup>

### RESUMO

No decorrer da vida escolar no trabalho com o texto literário, é difícil perceber o uso de narrativas que valorizem a história de diferentes povos por meio de suas próprias perspectivas, havendo uma predominância de narrativas eurocêntricas e hegemônicas. O objetivo dessa pesquisa foi refletir sobre como a utilização do Letramento Racial ligado ao Letramento Crítico por intermédio da literatura africana, propicia o (re)conhecimento racial e o enfrentamento de conceitos e pré-conceitos étnico-raciais, bem como a criticidade, o debate, a conscientização e a valorização das literaturas anticoloniais. Para fundamentar a pesquisa, utilizaram-se as discussões de teóricos como Soares (2004), Street (2014), Skerrett (2011), Guinier (2004), Mosley (2010), Candido (1995), Ribeiro (2020), Munanga (2012), Gomes (2012), Ferreira (1987), entre outros. Este estudo é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico. Apoiando-se nos resultados da pesquisa, pode-se concluir que a utilização de letramentos que reconhecem história, cultura e identidades de raça advindas da literatura africana, possibilitam uma formação crítica e reflexiva do leitor literário, oportunizando a construção de relações étnico-raciais mais agradáveis, a desmitificação de preconceitos arraigados e o trabalho com temas políticos contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento Racial. Literatura Africana. Ensino de Literatura.

### 1. INTRODUÇÃO

Ler e escrever se tornaram práticas sociais que envolvem a necessidade de compreender como se desdobra o funcionamento da leitura e da escrita, o contexto social que estão inseridas e como os sujeitos se afetarão por meio dessas experiências. Pensando nisso, a imersão dos estudantes nessas práticas sociais implica na construção de outras perspectivas, novos olhares significativos da nossa história e identidade. É de total obrigatoriedade que a escola possibilite, enquanto um local de privilégio de saberes críticos e construtivos, espaços de participação desses sujeitos em diversos contextos sociais.

Muitas foram as lutas advindas dos movimentos sociais do nosso país pelo reconhecimento da cultura, história e da literatura africana e sua contribuição para a sociedade brasileira. Em relação a postura da escola no que diz respeito ao ensino dessa literatura, é possível afirmar que existe, no decorrer da vida escolar no trabalho com o texto literário, uma

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de letras da Universidade de Pernambuco – UPE, thayguedesc@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de letras da Universidade de Pernambuco – UPE, josepauloj08@gmail.com;



predominância da utilização de narrativas de visões coloniais, eurocêntricas e hegemônicas. É muito difícil perceber o uso de narrativas que valorizem a história de diferentes povos por meio de suas próprias perspectivas e que são essenciais no reconhecimento das origens e identidades, incluindo a nossa.

Portanto, ao problematizar o trabalho pedagógico no ensino literário, tentaremos responder o seguinte questionamento: como o Letramento Racial juntamente com o Letramento Crítico auxilia na promoção da literatura africana em sala de aula?

Nesse ponto, espera-se que a utilização de práticas pedagógicas capazes de contribuir na propagação de uma história autêntica da África e da cultura africana, sejam tópicos de grande importância no cenário socioeducacional a fim de oportunizar uma diversidade literária crítica anticolonial. A leitura do texto literário bem direcionada por meio da escola pode operar como uma atividade que enriquece a diversidade não apenas de textos e de temas, mas também de concepções de mundo, de modos de fazer e dizer.

Como objetivo geral, buscaremos através desta pesquisa refletir sobre como a utilização do Letramento Racial ligado ao Letramento Crítico por intermédio da literatura africana, propicia o (re)conhecimento racial e o enfrentamento de conceitos e pré-conceitos étnico-raciais, bem como a criticidade, o debate, a conscientização e a valorização das literaturas anticoloniais. Para atingir esse objetivo, formulamos os objetivos específicos, tais quais: discutir acerca da concepção dos letramentos; compreender a proposta do letramento crítico e do letramento racial na formação dos sujeitos e refletir sobre como a literatura africana ampara a promoção dos letramentos supracitados na construção de leitores literários e críticos.

O desenvolvimento desta pesquisa, orientado pelo questionamento supramencionado, justifica-se pela visão de que nossa sociedade é estruturada sob uma perspectiva eurocêntrica colonial e orientada pela lógica do privilégio do branco e isso perpassa para o contexto escolar quando reparamos que não tivemos muito espaço para ler e estudar a história e cultura da África e de nossos antepassados através de autores negros.

Ainda que constatemos o trabalho árduo que é a educação pública brasileira, sustentamos nesta pesquisa a responsabilidade na formação de sujeitos capazes de se identificarem e se conscientizarem acerca de sua negritude, de suas origens africanas e aceitação de suas diferenças como um elemento engrandecedor. Apesar disso, julgamos que essa formação só se concretiza por meio da constante leitura do texto literário advindo de um currículo diverso e atualizado que ponha perspectivas negras em evidência, primordial, para a composição de sujeitos críticos e competentes no manejar com a literatura.



## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, selecionando a pesquisa bibliográfica e utilizando-se da revisão de literatura, onde esboçamos algumas considerações acerca das habilidades de leitura e escrita voltadas para os estudos sobre letramentos discutidos aqui por Soares (2004), Street (2014), Kleimann (1995) e Rojo (2009, 2012); logo após, explicamos sobre os conceitos de letramento crítico de acordo com Lankshear e McLaren (1993), Luke (2003) e Moita Lopes (2002), assim como o letramento racial amparado por Skerrett (2011), Guinier (2004) e Mosley (2010). Finalmente, versamos acerca da literatura africana e sua relação e importância na formação identitária do leitor literário, apoiando-nos nas visões de Candido (1995), Ribeiro (2020), Munanga (2012), Gomes (2012) e Ferreira (1987).

## **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **3.1 Letramento(s)**

O termo letramento caracteriza as aplicações que fazemos da escrita dentro da nossa sociedade, portanto, é bem mais amplo do que apenas compreender os atos de ler e escrever. Ele atende pelas informações que difundimos por meio da escrita, a maneira que nos relacionamos e comunicamos com outras pessoas, além de expressar e moldar o mundo em que vivemos. Ou seja, o “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 72).

À medida que os estudos sobre letramento foram avançando, se foi entendendo a desassociação, de acordo com Kleiman (1995), do estudo dos usos sociais da escrita dos estudos de alfabetização. A alfabetização pode ser vista como uma tecnologia que desenvolve competências como habilidades, conhecimentos e atitudes que favorecem a introdução da escrita ao mundo, enquanto que o letramento se utiliza dessa tecnologia em práticas de cunho social e cultural que circundam a língua escrita. Segundo Rojo (2009), o processo de alfabetização reproduz as habilidades da leitura e da escrita de maneira individual e normalmente no ambiente escolar (prestigiado), ao passo que o processo de letramento procura



valorizar a utilização dessas habilidades dentro das práticas sociais, podendo acontecer em variados contextos como a família, mídia, trabalho, etc.

Em razão disso, Street (2014) propõe dois modelos para especificar o letramento: o autônomo e o ideológico. No modelo autônomo trata-se da leitura e da escrita como uma mera aquisição de códigos técnicos “tratando-o como independente do contexto social” (ROJO apud STREET, 2009, p. 99), já no modelo ideológico Kleiman (1995) afirma que os letramentos surgem em diversos contextos das práticas sociais, evidenciando que todas as práticas de letramento são fatores da cultura, da história e das relações de poder que perpetuam na sociedade.

Diante disso, a perspectiva ideológica valoriza as práticas de letramento que se aproximam de contextos não hegemônicos, questionam conjunturas de poder e são capazes de contribuir na transformação dos sujeitos. Rojo (2009) sublinha que essas práticas resgatam a autoestima, constroem identidades fortes e empoderadas dos sujeitos em relação a sua cultura e a cultura dominante.

Perante a necessidade cotidiana de novas leituras da realidade, conceitos emergentes acerca de multiletramentos e de multiculturalidades colaboram com as práticas de letramento que passam por diversas camadas da sociedade expondo que cada cultura experiencia essas práticas de formas diferentes, resultando em letramentos singulares. Assim, Rojo (2012) reitera que o uso desses multiletramentos no ambiente escolar e na prática docente se torna eficaz na valorização da cultura que os estudantes estão inseridos, e a relação destes com outras culturas e ambientes sociais. A aderência a essas pedagogias conduz o caminho a análises críticas capazes de reconhecer distintos modos de significação e construção de valores.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Pensando a criticidade: o uso dos letramentos crítico e racial**

Tendo seu cerne dentro da teoria crítica social e na pedagogia crítica elaborada por Paulo Freire na década de 70, que mantinham a ideia de que um aprendizado deve espelhar valores, crenças, práticas e relações de poder que habitam uma determinada comunidade, o letramento crítico surge e pode ser definido de acordo com Lankshear e McLaren (1993) como o ponto em que as práticas sociais de leitura e escrita instruem o sujeito a compreender e aderir políticas do cotidiano na busca de uma ordem social mais justa.



Portanto, o propósito do letramento crítico é a transformação social, visto que enxerga um texto como um ambiente de crítica social para a luta e mudança. A concepção “crítica” que se tem do letramento hoje é representada pela reestruturação do texto canônico por meio da inserção de projetos pós-coloniais e etno-nacionalistas, pelo conhecimento e voz dentro das escolas e pelas procuras de desconstruções textuais e críticas as narrativas hegemônicas, de acordo com Luke (2003). Sendo assim, o letramento crítico está conectado à uma luta que visa oferecer uma qualidade de vida fundamentada na justiça social e não em relações exploratórias.

Ao empregarmos no ambiente escolar, o sujeito desenvolve uma consciência crítica capaz de apreender a ideologia imposta no texto, captar quais os indivíduos, a classe social e o ponto de vista que foram excluídos e interrogar sua intencionalidade. Ao refletir sobre as práticas sociais que envolvem um texto, o leitor é impellido a refletir sobre si e, por esse caminho, refletir sobre sua identidade. A identidade se concebe dentro das práticas sociais e o exercício de questionamento e reflexão acerca dela possibilitam sua reformulação. Moita Lopes (2002) afirma que a escola é um ambiente favorável a construção de identidades, portanto, é importante que também se trabalhe nela outra corrente de letramento que enfrente essas questões.

Diante disso, o letramento racial compromete-se a estudar e compreender, por meio das narrativas, como são elaboradas as relações de poder que forjam as identidades de raça e como estas se apresentam no centro da sociedade. Possuindo sua base na Teoria Racial Crítica criada nos Estados Unidos na década de 70 por meio dos trabalhos de Derrick Bell e de Alan Freeman, o letramento racial “tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos” (SKERRETT, 2011, p. 314).

A utilização desses letramentos no ambiente escolar, principalmente nas aulas de línguas, permite que os sujeitos trabalhem suas reflexões e seus questionamentos sobre raça e sobre como o racismo está enraizado nas estruturas sociais, pois “obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos brancos e negros” (GUINIER, 2004, p. 114). Além disso, opera para que os padrões raciais e culturais se tornem mais perceptíveis, dando suporte para quem os experimenta. Sendo assim, Mosley (2010) aponta que a aplicação do letramento racial crítico se mostra como uma ferramenta pedagógica essencial no contexto escolar com as crianças, seus colegas e outros.

#### **4.2 A literatura africana e seu papel em uma formação anticolonialista**



Para Candido (1995), a literatura é um direito que se estende a todas as pessoas, possibilitando condições necessárias para a humanização, visto que “nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995. p. 249). Diante disso, é função da escola produzir um locus democrático de produção e disseminação de conhecimentos que colabore na construção de uma sociedade mais igualitária, excluindo discriminações e oportunizando a autonomia de grupos marginalizados.

Ao atuar como disciplina interdisciplinar, a Literatura auxilia o rompimento da desvalorização da cultura de matriz africana, e torna visível sua contribuição social, econômica, histórica e política para os povos negros e não negros. Portanto, o ensino da literatura africana se configura como um mediador significativo nesse diálogo entre culturas e identidades, capaz de desatar preconceitos e paradigmas enraizados em uma sociedade que esquece que “o mundo é complexo, a sociedade é complexa, e a educação, quando é boa abre para este mundo e esta sociedade complexos” (RIBEIRO, 2020).

Estando a cultura literária pautada em modelos hegemônicos de discurso, normalmente apresenta representações desumanas que acabam naturalizando condições de subalternidade, conformismo e inferioridade do povo negro, dado que “o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista” (MUNANGA, 2012, p.33-34). Após um longo processo de aceitação e assimilação dos valores culturais europeus e de autorrejeição, o negro passa a reconquistar sua autonomia no âmbito cultural, educacional, moral, físico e psíquico e “chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias” (GOMES, 2012, p.99).

Assim sendo, a literatura africana representa um processo democrático, onde a escola pode se utilizar dela para questionar a universalidade envolta nas demonstrações culturais europeias e contestar narrativas hegemônicas ainda dominantes no ensino de literatura. Por serem concebidas dentro dessas relações de poder, Ferreira (1987) afirma que a literatura africana se configura como o inverso da literatura colonial, uma vez que elas enxergam com propriedade o mundo africano por dentro, livre de uma visão exótica e folclórica.

Além de desempenhar um papel de desnudamento de opressões invisibilizantes, a literatura africana também é essencial no (re)estabelecimento das conexões entre Brasil e África para se compreender as construções identitárias do povo brasileiro. Para leitores em formação no Brasil, é essencial que sejam despertados para conversa com valores culturais africanos para,



assim, estender seu universo de formação cultural e perceber a semelhança presente na nossa história e a história desse “outro”, até então ignorado.

Diante dessas considerações, é de grande importância o ensino da literatura africana, não só para o reconhecimento das identidades culturais do nosso país, mas também como uma ferramenta que evidencia discursos literários negros em posição de resistência contra o discurso hegemônico literário para todos aqueles que fazem parte do âmbito escolar e, conseqüentemente, social.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da literatura africana como ferramenta para a construção da criticidade, é eficiente na identificação e desmitificação de conceitos e preconceitos. É importante destacar que a literatura africana possui todas as oportunidades para fabricar novos conceitos e desmitificar os que a cultura eurocêntrica e hegemônica pregou por séculos, possibilitando mudanças relevantes para seus leitores, aperfeiçoando conseqüentemente as habilidades de escrita e leitura, além de auxiliar o trabalho com o multiculturalismo para a retomada de nossos laços e raízes, bem como o trabalho com a interdisciplinaridade para apreender com mais precisão a produção literária.

Ao atrelarmos seu ensino a pedagogia do Letramento Racial, possibilitamos a construção de relações étnico-raciais mais agradáveis, como também o transporte de temas para a sala de aula que estão na agenda cotidiana dos debates políticos contemporâneos como preconceitos, identidade, racismo, alteridade, língua, cultura, dominação e exploração.

Diante disso, compete aos professores(as) trazerem para a sala de aula essa temática, utilizando da interdisciplinaridade, valorizando um letramento que reconheça história, cultura e identidades de raça e desmitificando preconceitos arraigados, a fim de transfigurar a sala de aula em um espaço de respeito às relações supramencionadas que auxilie na formação crítica e reflexiva de todos os membros do corpo escolar

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neide A. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.



CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **Relações etnicorraciais, educação e descolonização dos currículos.** In: Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012.

GUINIER, L. **From Racial Liberalism to Racial Literacy: Brown V. Board of Education and the Interest-Divergence Dilemma.** Journal of American History, Vol. 91, No.1, 2004.

KLEIMAN, ANGELA B. (orgs.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LANKSHEAR, C.; McLAREN, P. **Critical Literacy: politics, praxis, and the postmodern.** New York, State University of New York, 468 p., 1993.

LUKE, A. **Two takes on the critical.** In: NORTON, B.; TOOHEY, K. (Eds.). Critical Pedagogies and Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-10, 2003.

MOITA LOPES, P. da. **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOSLEY, M. **‘That really hit me hard’:** moving beyond passive anti-racism to engage with critical race literacy pedagogy, Race Ethnicity and Education, v.13, n. 4, 449-471, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RIBEIRO, Roberto Janine. **Publicação do Facebook.** Disponível em: <https://www.facebook.com/renato.janineribeiro> Acesso em: 11 de agosto de 2020.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Trad. Marcos Bagno. 1ºed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SKERRETT, A. **English teachers’ racial literacy knowledge and practice, Race Ethnicity and Education,** v. 14, n.3, p. 313-330, 2011.